



Esta obra possui uma Licença

Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional

Submissão: 29/06/2024 | Aprovação: 29/11/2024



<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/16530>

<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v18i31.16530>

Margens: Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | V. 18 | N. 31 | Jul-Dez, 2024, pp. 107-120



A LITERATURA COMO REGISTRO DO PERÍODO DITATORIAL BRASILEIRO NO CONTO *SOBRE A NATUREZA DO HOMEM*, DE BERNARDO KUCINSKI

LITERATURE AS A RECORD OF THE BRAZILIAN DICTATORSHIP IN THE SHORT STORY

“SOBRE A NATUREZA DO HOMEM”, BY BERNARDO KUCINSKI

Elis Regina Guedes de SOUZA  

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG (Brasil)¹

Kaio César Pinheiro da SILVA  

Universidade Federal de Campina Grande – UEPB (Brasil)²

Resumo: Diante de um cenário cruel como foi a ditadura militar de 1964 vivenciada no Brasil e sobre a qual os registros históricos e oficiais são poucos, a literatura pode ser um caminho para ajudar a entender esse momento político do nosso país. A partir disso, o presente trabalho tem como objetivo analisar o conto *Sobre a Natureza do Homem* (2014), de Bernardo Kucinski, sob a perspectiva do trauma sequencial provocado pela ditadura, com ênfase na personagem Maria Imaculata e como todos esses eventos traumáticos perpassaram suas entranhas e chegaram a se manifestar no seu filho de quatro anos, sendo ele a exemplificação do trauma sequencial, o ponto de análise em nosso estudo. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, fundada no princípio da análise literária, do conto em questão, fazendo um recorte, dentro da narrativa, dos sucessivos acontecimentos traumáticos que culminam no trauma ocasionado pelo período ditatorial vivenciado no Brasil. E para o desenvolvimento de nosso estudo fundamentamos nas reflexões de Figueiredo (2017), Ginzburg (2004), Ricoeur (2007) e Seligmann-Silva (2003), entre outros textos que tratam da temática de nossa análise. Como possíveis conclusões ressaltamos que diante desse cenário de sofrimento e traumas ocasionados pela ditadura, a literatura aparece como um caminho possível para iluminar esse período tão nebuloso da história brasileira.

Palavras-chave: Literatura. Ditadura. Trauma sequencial. Conto. *Sobre a natureza do homem*.

Abstract: Faced with a cruel scenario such as the 1964 military dictatorship in Brazil, of which there are few historical and official records, literature can be a way of helping to understand this political moment in our country. With this in mind, this paper aims to analyze the short story *Sobre a Natureza do Homem* (2014), by Bernardo Kucinski, from the perspective of the sequential trauma caused by the dictatorship, with an emphasis on the character Maria Imaculata and how all these traumatic events permeated her insides and manifested themselves in her four-year-old son, who is the exemplification of sequential trauma, the point of analysis in our study. This is bibliographical research, based on the principle of literary analysis of the short story in question, making a cut within the narrative of the successive traumatic events that culminate in the trauma caused by the dictatorial period experienced in Brazil. In order to develop our study, we drew on the reflections of Figueiredo (2017), Ginzburg (2004), Ricoeur (2007) and Seligmann-Silva (2003), among other texts that deal with the subject of our analysis. As possible conclusions, we emphasize that in the face of this scenario of suffering and trauma caused by the dictatorship, literature appears as a possible way to shed light on this very nebulous period in Brazilian history.

Keywords: Literature. Dictatorship. Sequential trauma. Short story. *Sobre a natureza do homem*.

¹ Mestrado em Linguagem e Ensino, Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: elis.gds19@gmail.com

² Mestrando em Linguagem e Ensino (UFCG), Especialista em Docência para a Educação Profissional (IFES) e Tecnológica em Tradução em Língua Espanhola (FAEJEPI). Professor Substituto da Faculdade de Linguística, Letras e Artes - FALLA do curso de Letras Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: profkaioczar@gmail.com

INTRODUÇÃO

O período ditatorial pelo qual o Brasil passou, foi digamos um dos períodos ditatoriais mais duros, nos livros didáticos é retratado como a ditadura de 1964, sendo um regime totalitário que estava sob o comando dos militares, se estendendo até os anos de 1985. Essa “mancha” na história do nosso país configura um trauma que impede, de certa forma, que se discuta sobre o tema, visto que há poucos documentos, provas, de acesso público que comprovem as barbaridades cometidas nesse período, pois o golpe de 1964, foi, segundo Figueiredo (2017, p. 14), “[...] um atentado à legalidade da constituição [...] em que as liberdades democráticas eram tolhidas por um regime opressor [...]”. Regime esse que fez tantas vítimas e destruiu inúmeras vidas.

De fato, esse momento foi traumático, tanto para aqueles que viveram, sentiram na pele, a dor da repressão, como para os que mesmo pertencentes há décadas posteriores a essa tragédia, carregavam em seus corpos traumas dessa memória, assim as recordações significam tocar em uma ferida que a cicatrização é algo improvável que aconteça. Mesmo que muitos não tenham vivenciado essa fase da nossa história, o que gera certa apatia em conhecer essa triste fase da história do país. O que, de certa forma, justificaria o modo como é estudado esse momento, nas disciplinas de história no ensino básico quando se trata da ditadura de 1964.

Diante do exposto, nos deparamos com situações em que há apenas uma forma didatizada do ensino desse período da história do Brasil, compartilhada como algo que se trata, exclusivamente, de reprodução de datas que marcaram o regime militar e suas ações, limitando-se aos atos institucionais promulgados pelos militares. Devido a essa incompletude de dados, de memória, de arquivos, temos a literatura como arquivo da história, memória e esquecimento, trazendo à tona o que foi apagado pela tortura física, psicológica e de dimensões que, por muitas vezes, são indizíveis.

Mesmo tendo comissões que fiscalizavam as produções e divulgações de todo e qualquer posicionamento sobre o regime, em meio a perseguições, prisões, torturas, a literatura conseguiu se esquivar dessas restrições e se tornar o meio de denúncia de tantas barbaridades cometidas pelos militares e sua supremacia que sangrava os direitos humanos na sobreposição de ideais atômicos, destrutivos e inumanos. Tendo em vista a problemática posta acerca de como é tratado, pelo sistema de ensino, o compartilhamento desse triste momento da história do nosso Brasil nas escolas, pontuamos a literatura como arquivo do que foi esquecido, ocultado, calado na rasura da história, das vozes dos que foram obrigados a silenciar nesses momentos de extrema barbaridade e atrocidades incontáveis.

Após essa explanação a respeito do contexto em que se situa a narrativa, o presente trabalho tem por objetivo analisar o conto *Sobre a Natureza do Homem* (2014), de Bernardo Kucinski, para identificar as marcas do período da ditadura a fim de elencar a sequência de acontecimentos, traumas vivenciados pela personagem Maria Imaculata que culminarão na perpetuação dessas sequelas em seus descendentes, familiares e todos que estão ao seu redor, o que se configura, portanto, como o trauma sequencial.

Nossa análise estará fundamentada nos estudos, produções, de Figueiredo (2017) ao tratar da literatura como arquivo da memória, de Ginzburg (2004) com seu artigo sobre a ditadura e estética do trauma, Ricœur (2007) em textos como *Memória Pessoal, Memória Coletiva, Fase Documental: a Memória Arquivada*, Seligmann-Silva (2003) em *Apresentação da Questão: a literatura do trauma; O Testemunho: Entre a Ficção e o "Real"* e entre outros textos que iluminam nossas reflexões acerca da análise. Assim, faremos um recorte nessa análise para apresentar o conceito sobre determinados elementos elencados, dando ênfase ao trauma sequencial, demonstrando como este se faz presente dentro da narrativa do conto de Kucinski *Sobre a Natureza do Homem* (2014).

A personagem Maria Imaculata é uma mulher que vivenciou todos os traumas possíveis de uma ditadura, de um regime de repressão, perseguição. No conto de Kucinski, *Sobre a natureza do homem*, o autor rememora a história de Maria Imaculata, uma estudante apaixonada por cinema e simpatizante de tudo o que fosse a favor da liberdade e que respeitasse os direitos humanos. E que por casualidade ou má sorte, possamos assim dizer, ao se encontrar próxima de um dos integrantes de uma organização que lutava contra as monstruosidades da ditadura, passa a ser inimiga do regime. Sendo perseguida, presa, torturada, destruída, apagada um pouco a cada dia em que era submetida a interrogatórios, tortura física e, sobretudo psicológica, no processo de silenciamento que desencadeará em um trauma sequencial que vai além da extensão do corpo ou da mente.

Dessa forma, apresentaremos reflexões acerca dos temas elencados, sobre literatura e ditadura, memória, arquivo, espaço de denúncia, dando ênfase a caracterização da representação do trauma sequencial, de modo a apresentar os pontos que fundamentarão nossas observações e análise dentro do conto *Sobre a Natureza do Homem* (2014), focalizando na personagem Maria Imaculata e como o trauma sequencial se demonstra no decorrer da narrativa. Em seguida, apresentaremos um breve resumo do conto, assim como um esquema de autoria própria, que contém tópicos da sequência de acontecimentos na história de Imaculata e que culminará no ponto de demonstração da hereditariedade do trauma na vida de outras gerações. Sequencialmente, destacaremos algumas passagens do conto que evidenciam o que estamos apresentando e, por fim as conclusões acerca da

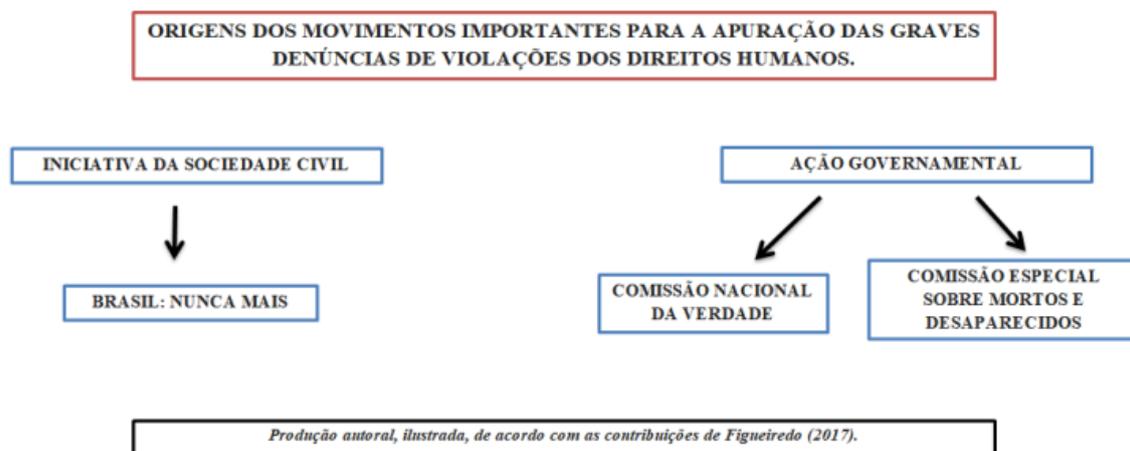
análise do conto e a importância da literatura para nos ajudar no entendimento desse momento histórico de nosso país.

A LITERATURA COMO ESPAÇO DE REGISTRO E DENÚNCIA DA CRUELDADE VIVIDA DURANTE DITADURA MILITAR NO BRASIL

As discussões apresentadas nos livros didáticos utilizados no ensino básico sobre o período ditatorial brasileiro trazem de forma superficial, dados que estão mais focados em datas do que nos acontecimentos reais que marcaram esse período de intensa repressão. Dados que traçam uma linha do tempo com os interventores militares de cada mandato e suas “contribuições”, na verdade ações ditatoriais que ajudaram a apagar informações, histórias, memórias de como de fato foi violenta e destrutiva a perseguição durante esses anos de ditadura no Brasil. Diante desse apagamento dos relatos históricos a literatura pode se configurar como um espaço de denúncia e de registro dessas memórias ocultadas, além da literatura houveram também iniciativas populares que ajudaram a recontar esse período, Figueiredo (2017) se refere

a três momentos que foram fundamentais tanto para a apuração das graves violações aos direitos humanos quanto para o arquivamento dos documentos que comprovam as acusações. No vetor associativo, por iniciativa da sociedade civil, houve o trabalho feito pelo grupo “Brasil: nunca mais”, e no vetor oficial, por ação governamental, a Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos e a Comissão Nacional da Verdade (Figueiredo, 2017, p. 15).

Diante das considerações do estudioso entendemos que os três movimentos foram criados com intuito de investigar e apurar o arranjo que ocultaram documentos que comprovam a violação dos direitos humanos, ação realizada por duas iniciativas, que vieram apoiar as ações que buscavam combater as insanidades realizadas nesse regime totalitário. Para melhor compreensão, apresentamos, a seguir, um pequeno gráfico que ilustra a criação desses vetores a fim de que possamos visualizar suas iniciativas e conseqüentemente a forma como foi tomada essa produção de arquivos, e no qual



a literatura tem um papel fundamental como espaço para que denunciou e registrou barbaridades desse momento da nossa história.

A partir do exposto na esquematização destacamos que esses movimentos representaram um momento de resistência, na tentativa de investigar e encontrar as provas das violações ocorridas nesse período obscuro da história do nosso país. Para que, assim, possamos evidenciar que

O impacto exercido pela violência do Estado se estende para além do período do regime, chegando à contemporaneidade. Torturas, mutilações e mortes atingiram pessoas que tinham amigos e familiares que permaneceram, cultivando lembranças dos que se foram (Ginzburg, 2003, p. 01).

Essas evidências confrontariam o regime e confirmariam, como denúncia, as barbaridades cometidas pelos militares, que infringindo os limites físicos, morais e psicológicos do ser humano, eliminando todos os direitos humanos dessas pessoas. Para tanto, pontuamos, aqui, que os documentos ocultos não significariam uma ausência de dados, mas que suas divulgações confirmariam a literatura o testemunho dos que viveram e acompanharam toda a dor e sofrimento dos exilados e seus familiares, assim como as gerações posteriores, o que configura o trauma sequencial, para além do momento em que as violações ocorreram.

Para melhor ilustrar essa questão Ginzburg (2003) traz relatos do documentário produzido com base em análise dos depoimentos de familiares das pessoas que viveram nesse regime, e que caracteriza o trauma sequencial, segundo o autor entende como

uma experiência histórica de violência [que] não atinge [somente] os que estão imediatamente vinculados a ela. Na medida em que essa experiência não seja superada, por vários caminhos mediados, suas marcas se prolongam para as gerações seguintes. Temporalidade implacável: enquanto a sociedade não assimilar e superar inteiramente a dor do que viveu, suas perplexidades e fragilidades são estendidas. Os entrevistados não foram eles próprios os perseguidos políticos. No entanto, as perdas afetivas provocaram um grau de impacto tão intenso, que eles renovam e atualizam, em suas vidas, limitações e perturbações da geração anterior (Ginzburg, 2003, pp. 03-04) (acréscimo nosso).

Nesse sentido, a tortura física e psicológica se configura como a primeira fase que desencadearia sucessivos traumas, tais como o apagamento do 'eu torturado', assim como o silenciamento, o medo de recordar o que foi vivido, a memória como a própria personificação da tortura, seguida do trauma sequencial, como uma herança cruel que afetou as gerações posteriores. Conforme Ginzburg (2003, p. 04), "a dor de suas perdas não foi superada, e que o modo como veem a si mesmos está condicionado por esse problema. Em termos conceituais, o que vemos é a impossibilidade de constituição plena de subjetividades" (Ginzburg, 2003, p. 04). Assim, o trauma

vivenciado perpassa gerações e gerações, deixando marcas nas vidas das pessoas envolvidas nesse contexto e que não são superados facilmente.

Percebendo que o trauma sequencial se demonstra como uma “fase final” dos diversos traumas vivenciados em períodos de intensa repressão e desumanidade do regime ditatorial brasileiro. Para confirmarmos essa situação, apresentamos um trecho do depoimento de Janaína Telles, presente no documentário de Ginzburg (2003), reforçando as características de modo mais detalhado do trauma sequencial, segundo a entrevistada,

o ocorrido “não tem ponto final”. Não apenas ela observa a continuidade de heranças do passado, como estabelece sua própria inconformidade. É uma indicação eloquente e enfática do fato de que as dores expressas não foram superadas, o trabalho de luto coletivo não foi realizado, e a melancolia constitui a condição para lidar com o universo traumático (Ginzburg, 2003, p. 08).

Além dessa característica de que o trauma não tem um ponto final, não poderíamos deixar de mencionar outra questão que, de certa forma, relaciona-se como elemento desencadeador do trauma sequencial, o exílio. Nesse sentido, de acordo com Ginzburg (2003), o exílio assume outra dimensão, além da geográfica como a problematização do relato de denúncia na enunciação das vítimas desse regime que passam também a se exiliar de si mesmos, de sua identidade primeira para assumir outra vida no intuito de sobreviver,

os perseguidos tiveram de lidar com a alteridade como condição de sobrevivência. Esconderijos, nomes falsos, comportamentos encenados, resistência nas salas de tortura. Esse esforço de ser outro, constituindo uma projeção para sobreviver no sistema resistindo a ele, estabelece uma condição dupla de existência que escapa aos padrões identitários convencionais. [...] Exiliam a própria consciência, a própria voz, guardando o impacto do exílio no tecido da construção discursiva (Ginzburg, 2003, p. 04).

Em outras palavras, essa condição leva as pessoas perseguidas a mudarem radicalmente suas vidas, de modo definitivo, pois ninguém conseguirá voltar a sua essência de antes do processo traumático. Ainda de acordo com Ginzburg (2003, p. 04) “O exílio, entendido como colapso da constituição do sujeito, que fala de si como se fosse outro, é um recurso estratégico de preservação da consciência”. O exilado assume, portanto, uma outra personalidade e ao relatar o que viveu tenta se distanciar dessa vivência para proteger sua integridade psicológica devastada pelo trauma.

Para melhor ilustrar essa questão, vale a pena destacar a importância da memória no processo de compreensão e reescrita da história do período ditatorial do Brasil, como forma de testemunhar as injustiças com veracidade do que aconteceu. A partir disso Ricœur (2007) em seu livro *A memória, a história, o esquecimento*, ao tratar da anistia nas ditaduras latino-americanas, faz uma releitura sobre a revelação dos fatos nos processos de reescrita da história nacional, evidenciando que

[...] Não se tratava de apagar, mas de revelar, não de encobrir os crimes, mas pelo contrário, de descobri-los. Os antigos criminosos tiveram de participar da reescrita da história nacional para serem perdoados: a imunidade se merece, ela implica o reconhecimento público de seus crimes e a aceitação de novas regras democráticas. [...] Desde a noite dos tempos, diz-se que todo crime merece castigo. Foi nos confins do continente africano, pela iniciativa de um antigo prisioneiro político e sob a direção de um homem de Igreja, que um país explorou uma nova via, a do perdão aos que reconhecem suas ofensas” (Ricoeur, 2007, p. 490).

Nesse processo de reescrita, o estudo da história como forma de reconstituir a memória que foi rasurada pela tortura, pelo tempo, pelo trauma vivenciado, não se trata de apenas, revelar com maior veracidade possível, muito menos com caráter punitivo. Mas de se fazer conhecer os crimes e, corrigir como é contada a história, sem apagamentos, sem recortes, mostrando as vozes e as diversas faces desse período a fim de que não se permita o retorno de regimes que privem as pessoas de seus direitos, e que não violem os direitos humanos, principalmente no que se refere à liberdade de expressão. A seguir passamos a análise do conto, iniciando pelo momento que ocasionou o trauma na personagem Imaculata, sua prisão e tortura no regime ditatorial.

A PROTAGONISTA SILENCIADA PELA TORTURA: SÃO OUTRAS VOZES QUE CONTARAM A SUA VERSÃO DA HISTÓRIA

113

O conto *Sobre a Natureza do Homem* apresenta uma narrativa contada por um narrador em terceira pessoa, que varia desde a voz de Rui de Almeida, colega, companheiro de faculdade de Maria Imaculata, e o advogado, Eliseu Rezende, que conta a história da personagem a partir da perspectiva de múltiplas vozes, de acordo com as informações que foram colhidas, repassadas, ou seja, narração de acordo com terceiros. Vale a pena ressaltar que a personagem Imaculata, tomando o próprio nome, foi de fato maculada, silenciada, apagada, como podemos observar ao longo do conto, pois não se faz presente a voz da vítima, sempre a narração de acordo com outras vozes.

Uma jovem estudante que sem perceber, ao manter contato com um colega de faculdade, estaria entrando na mira do grupo da repressão dos liberais, pois toda e qualquer pessoa que confrontasse os interesses dos militares, era perseguida, presa e torturada. Após, um dos corriqueiros encontros que tinha com Rui no momento de término das aulas, onde geralmente o assunto de suas conversas era o tema tratado na aula de filosofia. Os perseguidores já estavam de tocaia, acompanhando-os a fim de realizar uma emboscada.

Nesse dia em questão, cada um segue seu caminho, após uma longa conversa acerca do último tema da aula de filosofia, relacionada sobre a natureza do homem. E cada um seguindo seu trajeto, Rui percebe que está sendo seguido, imaginando, de imediato que o mesmo passará com Imaculata.

Ele consegue despistar seu perseguidor, trocando de roupa, tirando o boné e outras peças que já usava como forma de disfarce. Logo em seguida saí em direção ao centro em busca de informações de Imaculata, que já havia sido capturada, sendo torturada em interrogatórios intermináveis que duraram mais de três anos.

Mesmo sem saber de nada, nem da ligação de Rui com a organização que lutava contra os mandos e desmandos do governo, ela o identificou por meio de uma foto, que havia sido tirada quando estavam conversando, dando margem para que conseguissem identificar o curso que estudava, sua matrícula, e outras informações necessárias para sua apreensão. Mesmo tendo a informação que não frequentara mais a faculdade, tempo depois, Rui foi interceptado e preso, encontrando com Maria Imaculata na prisão, ele estava na ala masculina e ela na ala feminina. Como conta Rui, Imaculata se encontrava atônica, sem reação, sentada de frente para a parede, em sua cela, apática, sem esboçar nenhuma reação, aguardando o início da próxima sessão de tortura. Durante todo o tempo, percebia-se o processo de apagamento de Imaculata, e o silenciamento, causada pela tortura física e psicológica. Chegado o período de anistia, eles foram liberados e desde então Rui não teve mais notícia dela.

114

Logo no início das indenizações, Rui tomou conhecimento de que Imaculata não tinha dado entrada na solicitação de indenização, entrou em contato para informá-la dos prazos e saber como ela estava, já que não tinha notícias dela. Após conseguir o telefone dela, Rui entra em contato e é informado que Maria Imaculata não poderia falar por telefone, que não falava com ninguém, que se quisesse contato deveria procurar o advogado dela, Eliseu Rezende. Ao contatar o advogado, Rui ajudou no que foi necessário, quanto à documentação para entrar com o pedido de indenização, inclusive, deu seu depoimento para ser usado como prova, como um testemunho da barbárie que eles vivenciaram.

Rui aproveitou o momento para perguntar ao advogado o que havia passado com Maria Imaculata, quando foram soltos e anistiados, visto que já sabia o que havia passado com ela durante a prisão, uma vez que ele estava lá e também vivenciou a tortura. Rezende, com uma naturalidade de quem já viu todas as barbaridades possíveis cometidas nesse regime, explicou que após a soltura, Imaculata estava aparentemente bem, até começar a ‘regredir’ como se todas as memórias destruíssem sua identidade, apagando-a.

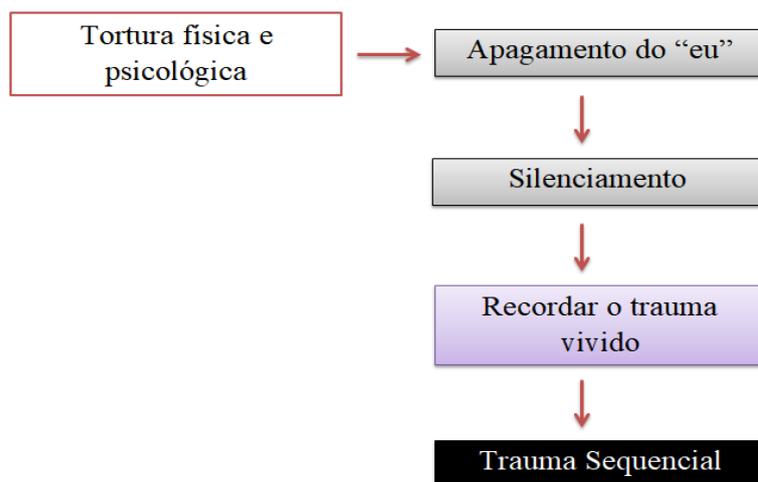
No começo, com isolamentos no quarto, alguns surtos, até chegar ao momento em que não comia, tinham que alimentá-la a força, e chegando ao ponto de fazer suas necessidades fisiológicas na roupa. Não vendo opção, seus pais a levaram para uma clínica psiquiátrica no Jardim Botânico,

onde acreditavam que ela teria a atenção adequada para que pudesse melhorar, e se curar. Mas não foi o que aconteceu, Imaculata, acabou sendo violentada por dois pacientes, durando meses, até o momento em que foi descoberto sua gravidez. Após ter sido retirada dessa clínica, ela deu à luz a criança, que em determinados momentos cuidava, amamentava e em outros chegava a agredi-la. Sendo assim, tiveram que separá-la do filho. Foi diagnosticada com esquizofrenia, os pais buscaram outras análises médicas, mas ela acabou indo morar com os pais em uma chácara, medicada e isolada de todos, sem acesso a objetos que pudessem ser utilizados como armas. O filho, com quatro anos, até então, dizia que a mãe estava naquela situação devido a uns homens maus e que quando fosse adulto, compraria uma espada e os mataria.

A TORTURA DE IMACULATA GERA UMA HERANÇA TRAUMÁTICA EM SEU FILHO

Representação dos fatos: esquematização

Sequência de acontecimentos, no conto, *Sobre a Natureza do Homem*, que culminaram na propagação do trauma vivenciado por Imaculata, *trauma sequencial*.



Produção autoral, baseada na sequência dos fatos narrados no conto *Sobre a Natureza do Homem*.

A partir do esquema anterior passamos a apresentar a seguir alguns recortes do conto *Sobre a Natureza do Homem*³ (2014) de Bernardo Kucinski, baseados na sequência de ações representadas pelo esquema anterior, até a culminância, o desfecho da narrativa, com a representação maior do

³ O título do conto, *Sobre a Natureza do Homem*, de Bernardo Kucinski (2014), estabelece uma relação, em primeiro momento, com tema da aula de filosofia dos jovens protagonistas, como narrado no último encontro entre Rui e Imaculata, antes de serem capturados, “**Sobre a natureza do ser humano**” discutindo questões relacionadas à visão do homem de Hobbes ou de Rousseau, acerca de sua natureza, se nasce bom e se converte em mal, ou vice-versa. Tais reflexões dialogam com o título e o desenvolvimento da narrativa, das sequências de ações que geram o trauma sequencial.

trauma sequencial, protagonizado pela fala do filho, de quatro anos, de Imaculata. Vale destacar que apresentamos apenas alguns recortes do referido conto, como os pontos que resultarão no trauma da protagonista.

O trauma que se instaura na personagem Imaculata ocorreu a partir do momento em que foi capturada, após descer do ônibus, dando início a uma sequência de acontecimentos que a levarão a passar por fases que determinaram sua condição de vida ao término do conto. Após ser capturada, Imaculata passa por muita tortura física a fim de que pudesse identificar Rui, apresentar informações sobre ele, porém, ela mal sabia de sua participação na organização que lutava contra a ditadura. Como narrado pelo próprio personagem Rui.

Depois soube que ela foi agarrada assim que desceu do ônibus e que a torturaram incessantemente. Quando exibiram à Maria Imaculata as fotos do nosso encontro, ela ainda teve forças para dizer que éramos apenas colegas de curso e que conversávamos muito sobre cinema. Mas isso bastou para que me identificassem com a ajuda das fotos nas fichas de inscrição do curso. Ao se darem conta de que eu não ia mais às aulas, me colocaram na lista dos procurados (Kucinski, 2014, p. 27).

Desde o início já nos deparamos com a personagem sem forças, conforme expressado, pelo narrador, uma paráfrase do que ela forneceu de informação, segundo o que teve conhecimento. Informação essa que levaria a identificação de Rui e conseqüentemente, sua captura, onde passou por períodos de tortura no mesmo presídio em que Imaculata se encontrava.

Em momentos posteriores, é possível identificar o apagamento da personagem, momento em que a encontraremos atônica, sem reação, apenas esperando o momento em que recomeçaria, reviveria a tortura, principalmente a psicológica e no dia seguinte passaria pelo mesmo momento de interrogatório. Demonstrado no fragmento seguinte, agora sob a narração do advogado Eliseu Rezende, que conta: “- [...] Maria Imaculata foi muito torturada. A equipe que a interrogava foi de uma selvageria sem limites. Depois a trancaram numa solitária [...]. Mas a expectativa de ser torturada de novo e de novo fez mais estrago nela do que a tortura física [...]” (Kucinski, 2014, p. 28). Na citação se evidencia como a tortura psicológica foi extremamente nociva para a protagonista e como a afetou para toda a vida. Na sequência Eliseu Rezende, dá continuidade à narração informando a Rui o que havia acontecido com Imaculada logo após ter saído da prisão.

– Depois foi pior. Logo que ela saiu da prisão, recuperou um pouco de vivacidade [...]. Mas esses momentos eram raros e foram se tornando cada vez mais curtos, como se ela estivesse regredindo. Até que um dia ela se apagou por completo, não se movia para nada, passava todo o tempo dentro do quarto, em desalinho [...] (Kucinski, 2014, p. 28).

Recordamos, a partir do esquema que construímos para guiar nossos destaques, o trauma sequencial, representado no seu filho de quatro anos. Identificando o momento de silenciamento da vítima, Imaculata, desde a solitária, na prisão, até durante sua liberdade, com a anistia. Estando, aparentemente bem, até o momento em que as recordações do que foi vivido, o trauma, a faz regredir, e entrar num estado de apagamento, num estado vegetativo, como apresentado por Eliseu no relato anterior.

E a partir dessa situação, Imaculata chegou a um momento em que “[...] Tiveram que alimentá-la à força. [...] ela urinava e defecava na própria roupa. E por duas vezes entrou em convulsão. Decidiram interná-la para tratamento [...]” (Kucinski, 2014, p. 28). Chegando a ser internada em um hospital psiquiátrico, local onde viveria uma sequência do trauma que já não tinha sido superado, ou melhor, amenizado. Na expectativa de que pudesse se recuperar, Imaculata passou por outro trauma que a destruiria de vez, como narra Eliseu

Imaculata foi violentada repetidas vezes por dois pacientes. Eles se revezavam. Um a agarrava e tapava sua boca, o outro a estuprava. Isso durou meses. Ela não conseguia dizer nada, ficava em estado catatônico. Até que engravidou. Só então descobriram o que estava acontecendo. Quando a criança nasceu, um menino, ela sofreu um novo transtorno de personalidade, uma ruptura mental. Ora acalentava a criança, dava de mamar, trocava a fralda e banhava, ora a agredia. Tiveram que separá-la do filho. Diagnosticaram esquizofrenia. Os pais levaram o neto para casa e pediram um novo diagnóstico, de comprovação, para que a pudessem tratar. Hoje ela se medica com antipsicóticos, vive com os pais, embora sem nenhuma atividade, desligada do mundo. A família se mudou para uma chácara, assim ela tem mais espaço e também não fica exposta a vizinhos. Mas não deixam que ela tenha acesso a ferramentas, facas, essas coisas (Kucinski, 2014, p. 28-29).

Esse segundo trauma vivenciado por Imaculata, não se tratou, somente, de um recordar do período de tortura na prisão, durante o regime militar, mas como um reviver a violação física, psicológica de não ter controle sobre seu corpo, de ser invadida, e em silêncio rememorar os traumas que ainda estavam latentes em sua memória.

Após passar por mais esse trauma, Imaculata dá à luz a criança, cuidando dela em determinados momentos, chegando a maltratar a criança em outros, tendo que ser separada do bebê e se mudar, com seus pais para uma chácara distante de todos e de objetos que pudessem causar dano, vivendo em uma habitação isolada, sempre medicada. Nesse recorte da história da personagem, percebe-se que há um movimento de recuperação e logo em seguida uma recaída, que se apresentará de forma definitiva ao término do conto, quando ela retorna a uma habitação isolada, reproduzindo, de certo modo, a cela solitária a qual passou boa parte do tempo durante a prisão no regime militar.

E por fim, nos deparamos com o desfecho da narrativa, que apresenta a reação do filho de Imaculada, com quatro anos de idade, que já expressa um entendimento sobre a situação da mãe, conforme a descrição de Eliseu: “– O garoto está com quatro anos, é esperto, diz que a mãe ficou doente por causa de uns homens do mal que a maltrataram e que quando crescer vai comprar uma espada bem grande e matar todos eles” (Kucinski, 2014, p. 29). A partir da citação entendemos a transposição do trauma vivenciado pela mãe ao filho, que ao ver a mãe naquela situação, expressa um discurso de revolta e vingança aos que destruíram a vida de sua mãe. Como traz Ginzburg (2003, p. 08) “[...] “não tem ponto final”. Não apenas ela observa a continuidade de heranças do passado, como estabelece sua própria inconformidade [...]”. Evidenciando assim que as cicatrizes das vítimas diretas da repressão assumem um caráter hereditário, visto que em muitos casos é passado de geração em geração, como observamos na inconformidade e revolta do filho que mesmo muito pequeno já entende parcialmente os motivos que levaram sua mãe Imaculata a essa situação vegetativa.

CONCLUSÃO

O conto *Sobre a Natureza do Homem* (2014) de Bernardo Kucinski conta a história de uma jovem que tem sua vida destruída e sua existência apagada por esse período de repressão da ditadura militar brasileira de 1964. Passando por diversos traumas, culminando na perpetuação desses traumas no seu filho, uma criança de quatro anos que reproduz sinais das consequências de sofrimento vivido por sua mãe nos momentos de tanta violência e ruptura de seu direito de liberdade.

A partir disso, fizemos uma breve análise de como essa temática do período ditatorial brasileiro, é tratada na literatura de um modo profundo e denso, uma vez que devido a ausência de documentos que foram ocultados durante esse período, como forma de amenizar, suavizar as barbaridades cometidas, com torturas, mortes, desaparecimentos, que em geral, não são mencionadas nos livros didáticos como ressaltamos ao início desse estudo.

Diante desse silenciamento nos livros didáticos, a literatura passa a funcionar como meio de denúncia do que aconteceu durante o regime. Por esse motivo, selecionamos o conto de Kucinski, como objeto de análise para demonstrar ainda que de modo ficcionalizado o que se passou durante esse período obscuro em nosso país. Como o próprio autor coloca em uma carta ao leitor, informando que se tratava de invenções e ao mesmo tempo de fatos verídicos:

As histórias desta coletânea fazem parte de um conjunto de 150 contos escritos entre junho de 2010 e junho de 2013, dos quais foram selecionados aqueles que se inspiram no clima de opressão reinante no nosso país nas décadas de 1960 e 1970 e suas sequelas. Aos leitores familiarizados com aqueles tempos, os contos podem lembrar episódios e pessoas conhecidas. Mas não passam de invenções, criações

literárias sem nenhuma obrigação de fidelidade a pessoas ou fatos que eventualmente os possam ter inspirado (Kucinski, 2014, p. 05).

Caracterizando assim, um teor de denúncia presente no livro e em cada conto que o compõe, apresentando situações vivenciadas durante a ditadura militar brasileira, que nos ajudam a entender melhor esse período através de uma obra de ficção inspirada na realidade vivenciada.

Assim, concluímos nossa análise do conto na qual fizemos um recorte para demonstrar como os acontecimentos que marcaram a vida da protagonista Maria Imaculata, culminam na demonstração do trauma sequencial em seu filho e em todos os seus parentes. Ressaltando a importância de ver a literatura como caminho, um espaço de denúncia e registro histórico, que traz evidências dessas memórias e esquecimentos oficiais para conhecimento do que representou a ditadura militar brasileira, principalmente para que ela nunca mais ocorra.

REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, Eurídice. Os arquivos do mal: memória, esquecimento e perdão. In: FIGUEIREDO, Eurídice. **A literatura como arquivo da ditadura brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

GINZBURG, Jaime. Ditadura e estética do trauma: exílio e fantasmagoria. In: **O rosto escuro de Narciso: ensaios sobre literatura e melancologia**. Tradução. João Pessoa: Ideia, 2004.

KUCINSKI, Bernardo *et al.* Sobre a natureza do homem. In: KUCINSKI, Bernardo. **Você vai voltar pra mim e outros contos**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

RICCEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007. 523 p. Tradução: Alain François [et al.].

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da Questão: a literatura do trauma. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, Memória, Literatura**. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O Testemunho: Entre a Ficção e o “Real”. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, Memória, Literatura**. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.